

## **Espaços do Mal X Espaços do Bem: os Estados Unidos e a Guerra contra o Terror no início do século XXI.**

Daniel Sousa de Holanda Cavalcante<sup>1</sup>

“Tomai o fardo do Homem Branco -  
As guerras selvagens pela paz –  
Encha a boca dos Famintos,  
E proclama, das doenças, o cessar;  
E quando seu objetivo estiver perto  
(O fim que todos procuram)  
Olha a indolência e loucura pagã  
Levando sua esperança ao chão.”

O Fardo do Homem Branco – Rudyard Kipling

No final do século XIX, o poeta Rudyard Kipling retorna de uma longa estada nos Estados Unidos, para a Inglaterra e escreve um poema intitulado *the white man burden*, O Fardo do Homem Branco. Neste poema Kipling defende as ações imperialistas tomadas pelos Estados Unidos e, de certa forma, por todas as potências européias.

A conquista e dominação do mundo pelos europeus, de acordo com Kipling, não seria um ato visando o lucro e o desenvolvimento de sua nação, seria, na verdade, um pesado fardo entregue ao homem branco, o fardo de civilizar o mundo a sua volta. Para civilizar este mundo o homem branco deveria submeter às populações bárbaras que, por serem ignorantes, não aceitavam e não entendiam a boa vontade dos conquistadores em suas ações.

A tarefa civilizatória teria sido dada por Deus ao homem branco e, portanto, ele não podia fugir dessa missão a contragosto se lançando ao mar, além das fronteiras conhecidas, entrando em um mundo de barbárie, correndo o risco de morrer em uma terra longínqua na missão divina de levar o conhecimento e a civilização aos povos incultos jogados ao obscurantismo da margem da humanidade.

Em seu poema Kipling reproduzia e defendia uma ideia vigente na sociedade européia e americana durante o século XIX, a ideologia do imperialismo. Mantida pelo

---

<sup>1</sup> Graduado em História bacharelado pela UFRN e mestrando do ppgh da UFRN

imaginário dessas sociedades de que sua “civilização” seria o ápice em relação a todas as outras “civilizações” do mundo, portanto, tendo o direito e o dever de dominar esses povos e levar até eles os costumes e avanços da vida européia. Em seu livro *Orientalismo* Edward Said apresenta perfeitamente esta ideologia (utilizando uma citação de Arthur James Balfour) defendida pelos europeus de que os povos não ocidentais deviam ser dominados:

“Antes de mais nada, considerem os fatos da questão. Assim que surgem para a história, as nações ocidentais demonstram aquelas capacidades incipientes para o autogoverno [...] tendo méritos próprios. [...] Pode-se olhar para o conjunto da história dos orientais no que é chamado, falando de maneira geral, de Leste, sem nunca encontrar traços de autogoverno. Todos os séculos grandiosos desses países - e eles foram muito grandiosos - foram vividos sob despotismos, sob governos absolutos. Todas as suas grandiosas contribuições para as civilizações - e elas farão grandiosas - foram feitas sob essa forma de governo. Um conquistador sucedia a outro conquistador; uma dominação seguia a outra; mas nunca, em todas as reviravoltas da sina e da fortuna, se viu uma dessas nações, de moto próprio, estabelecer o que nós, de um ponto de vista ocidental, chamamos de autogoverno. Esse é o fato. Não é uma questão de superioridade ou de inferioridade. Suponho que um verdadeiro sábio oriental diria que o governo funcional que assumimos no Egito e em outros lugares não é uma obra digna de um filósofo - que essa obra é o trabalho sujo, o trabalho inferior, de desempenhar as tarefas necessárias.”

Podemos observar que o europeu tinha a certeza absoluta de que sem ele os povos não ocidentais estariam fadados ao fracasso e, desta forma, aquele domínio exercido por ele era mais benéfico que maléfico, dando uma chance a povos bárbaros de aderirem à civilização e suas normas.

A fronteira sempre permaneceu com uma ideia presente e constante no imaginário americano. Os Estados Unidos cresceram a partir dessa ideologia de fazer fronteira com uma região selvagem e perigosa, mas que, caso o colono se aventure em desbravá-la, promete riquezas abundantes. Somando-se a essa ideologia de conquista da fronteira selvagem temos o ideal de missão tão presente no imaginário americano. Os estadunidenses crescem com o ideário de que a sua nação tem a missão de tornar o mundo um lugar melhor protegendo todas as nações indefesas, delas mesmas se for necessário.

Essa busca por novas fronteiras é justificada, em parte, pelas práticas do capitalismo – tão difundidas no ocidente – em que o homem deve sobrepujar a natureza e torná-la um lugar próprio para a vida do homem moderno. A ideia ocidental de que o mundo deve se adequar as suas práticas e costumes, sendo a natureza fonte de matéria-prima ou de entretenimento para o homem do ocidente.<sup>2</sup>

Desta forma, as fronteiras – neste caso americanas – nunca deixarão de existir, pois durante sua história os estadunidenses criaram várias fronteiras a serem domadas. Tivemos a conquista do oeste americano, selvagem que pertencia aos índios e seus costumes bárbaros; com a conquista do Oeste concluída os americanos trataram de conquistar a América Latina, Latina - pois a **verdadeira** América são os Estados Unidos e, em parte, o Canadá. Os governos americanos desenvolveram meios de domar a América Latina selvagem, por meio da venda de seu *American Way of Life* e a criação de ideologias que, teoricamente, uniam os países americanos como é o caso da Doutrina Monroe e seu slogan “América para os americanos” que pode ser lido como “toda a América para os norte-americanos”.

Podemos perceber essa tentativa de se manter no controle das Américas observando as práticas dos governos dos Estados Unidos. Por exemplo, a coligação de Kennedy era chamada de New Frontier (A nova fronteira) e a criação do seu Peace Corps (corpos da paz) foram um dos meios de se manterem presentes na América Latina.

A ideia de uma nova fronteira adotada por Kennedy possuía um apelo social imenso, pois a fronteira simboliza a eterna luta da civilização e sua missão (AZEVEDO, Cecília, 1998) contra a barbárie e com isso o povo americano aderiu a campanha de forma maciça, pois viam os corpos da paz de Kennedy como um meio de “levar o desenvolvimento” aos sofridos países da América Latina, tanto que o número de voluntários que se apresentaram para o programa foi enorme, formado apoiadores do governo como integrantes da própria oposição que enxergavam este ato de Kennedy como um ato benevolente com os países da “outra” América.

---

<sup>2</sup> Essa temática é bastante discutida no livro “*O ocidentalismo*” de Ian Buruma e Avisha Margalit, sendo está prática um dos principais alvos de crítica a sociedade ocidental e capitalista.

Com o fim da Guerra Fria e a sua afirmação como líder das Américas – e do mundo – o governo americano mudará o enfoque e desenvolverá a criação de uma nova fronteira, que será o Leste, a nova fronteira começará ser fixada com a criação do Estado de Israel e o início da luta do governo americano em submeter às populações do Oriente Médio ao seu estilo de vida. Contudo, diferentemente da maior parte das Américas o Oriente Médio irá resistir fortemente a esta colonização e, então, o governo americano terá que adotar a segunda via para a dominação, a guerra.

Ao optar pela submissão do Oriente, ao invés da integração, os governos americanos partiram em busca de novas fronteiras a serem dominadas, sendo o caso mais recente a criação do Eixo do Mal (Irã, Iraque e Coréia do Norte) pelo ex-presidente George W. Bush; um local maligno que deve ser pacificado para o bem de suas populações que vivem sobre regimes brutais e do mundo que está em constante ameaça destas localidades. Para pacificar esse “espaço do mal” o governo americano pretende levar até lá o “espaço do bem” que seria *o American Way of Life* ou o padrão ocidental de vida.

Portanto, podemos perceber que a visão civilizatória estadunidense continua bastante presente em nossa atualidade. Compreendemos que o Fardo do Homem Branco sempre esteve presente na política externa das grandes potências mundiais, que baseiam sua cultura na conquista de novos mercados e populações. A única diferença é que a dominação cultural e social por meio da via militar veio diminuindo com o passar do tempo, vale salientar **diminuindo**, mas ainda assim existe. Atualmente nos deparamos com a dominação cultural pela via econômica, tecnologia e financeira que, para muitos, seria uma ameaça a cultura nacional dos países, como fica claro na obra de Antônio Pedro Tota:

“Acadêmicos, intelectuais e artistas gastaram, e ainda gastam, consideráveis argumentos a favor e contra. Os laços entre cultura e dependência econômica são bastante evidentes nas análises. Irresistível o maniqueísmo nos estudos da “americanização” do Brasil. As aspas têm, pois, sua razão de ser. O fenômeno é ora interpretado como um grande perigo destruidor da nossa cultura, influenciando-a negativamente; ora, de forma oposta, é visto como uma força paradigmática e mítica, capaz de tirar-nos de uma possível letargia cultural e econômica, trazendo um ar modernizante para a sociedade brasileira.”

Para Tota a cultura americana era vista como uma representação da modernidade, do novo, da criação. Ao importar essa cultura, junto com ela – presumidamente – viriam seus ideais básicos, o país acabaria adotando as estruturas liberais americanas; aderindo, quase que totalmente, ao *American Way of Life*.

Levando tudo isso em consideração, podemos observar e constatar alguns dos motivos inerentes do imaginário americano para validar suas ações na política externa, desde a produção e venda do “*american way of life*” até as “*guerras contra o terror*”. Os Estados Unidos acabaram se tornando a “nação herdeira” da civilização européia e tudo o que ela representava. Ao se afirmarem como a potência mundial incontestável eles rumaram para a “civilização” do mundo a sua imagem e semelhança.

Esse pensamento civilizador, herdado pelos estadunidenses, irá nortear suas ações quanto líder mundial. Em seu livro *Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX* John Lukacs apresenta a ideia presente no imaginário do norte americano de que os Estados Unidos eram o “farol da humanidade”, ou seja, a luz que guiava o mundo através das trevas evitando que a humanidade se chocasse contra os rochedos da barbárie e do esquecimento. A visão da cidade sobre a colina, observando o mundo a sua volta de um local privilegiado e sempre a frente das outras sociedades. Um local acima e por isso, de certa forma, “sagrado” (Yi Fu-Tuan, 1983).

“...John Adams, no mesmo discurso citado anteriormente (feito em Washington, em 4 de julho de 1821), falou dos Estados Unidos como um “farol no cume da montanha, uma luz genial e salvadora, algo para o qual todos habitantes da terra podiam tornar seus olhos até um tempo perdido na eternidade, e até que esse globo se dissolva e não sobre mais nada dele”...Se a criação dos Estados Unidos foi o ápice da história da humanidade, isso também significaria o início da última...fase da humanidade e do próprio globo. Se os Estados Unidos decaíssem, todo o mundo declinaria junto...”

John Adams fez esse pronunciamento quando os Estados Unidos se tornaram independentes da Inglaterra e, portanto, ainda não haviam assumido a pretensão de difundir seu modo de vida pelo mundo. Desta forma podemos compreender perfeitamente, quando Sarah Palin, ex-governadora do Alasca e candidata republicana a vice-presidente em 2008, faz a seguinte declaração: “Temos um presidente [Barack

Obama] que, talvez, pela primeira vez desde a fundação da nossa República não parece acreditar que os EUA são a maior força terrestre para o bem que o mundo já conheceu”

Durante a maior parte de sua história recente os EUA vêm exportando seu estilo de vida para o mundo, de forma a afirmar e “civilizar” as sociedades com seus ideais de liberdade, consumo, democracia e etc.; a tão odiada americanização das nações. A americanização foi a saída – teoricamente – não violenta para a “evolução” do mundo.

Percebemos que durante a sua história os Estados Unidos assumiram bem o fardo do homem branco. O governo americano age como se as suas atitudes em prol da americanização do mundo fossem na tentativa de levar o mundo para um ponto mais alto da civilização, um nirvana inalcançável, caso as nações do mundo não sigam o caminho apresentado pelos norte-americanos. Essa americanização, muitas vezes, é violenta. Um dos casos mais recentes deste discurso civilizador americano em nosso mundo foi o discurso construído pelo governo americano visando viabilizar as *guerras contra o terror*, como podemos observar neste pronunciamento do então presidente George Bush.

“Em 11 de setembro, inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra nosso país. Os americanos já conheceram guerras - mas, nos últimos 136 anos, foram guerras em solo estrangeiro, exceto num domingo em 1941. Os americanos sofreram perdas em guerras - mas não no centro de uma grande cidade numa manhã tranquila. Os americanos conheceram ataques surpreendentes - mas nunca anteriormente contra milhares de civis. Tudo isso caiu sobre nós num único dia - e a noite caiu num mundo diferente, um mundo no qual a liberdade está sendo atacada.” (George W. Bush 20 de setembro de 2001)

Aqui necessitamos fazer um parêntese para explicar um caso, sobre as *guerras contra o terror*, que pode gerar confusão. A guerra contra o terror do governo George W. Bush não foi a primeira guerra contra o terror lutada pelos americanos. Noam Chomsky – grande crítico da política externa americana – defende a ideia de que a primeira guerra contra o terror foi promovida pelo governo de Ronald Reagan, durante a Guerra Fria, sendo 2007, portanto, a guerra contra o terror de George W. Bush a segunda com este nome – apesar de que alguns dos seus organizadores e controladores serem os mesmo dos dois governos. Levantamos este ponto para explicar que a partir de

agora nos referiremos à guerra contra o terror de Bush como Segunda Guerra Contra o Terror. Tendo explicado isso daremos prosseguimento.

Os Estados Unidos irão levar a guerra ao Iraque como parte de sua “política civilizatória” e de americanização da humanidade. Com o pretexto de que o Iraque possuía armas químicas (que nunca foram encontradas) e preparava um ataque contra os EUA (que nunca foi provado) o governo americano invade o país, com o argumento de que a “verdadeira intenção” dos Estados Unidos era proteger seu país e “levar a democracia e a liberdade que os iraquianos tanto ansiavam”. Contudo, para que o governo tivesse o apoio de sua população - e de parte do mundo - foi necessário que a administração americana desenvolvesse toda uma gama de discursos que dariam o respaldo para a invasão. Para tentar compreender melhor a formação desta opinião pública pró-guerra pensamos em algumas problemáticas que poderão nos ajudar a compreender melhor o desenvolvimento do conflito em si. Primeiramente desenvolvemos a seguinte questão a qual norteará os problemas seguintes a) **como o governo americano utilizou-se das políticas antiterror para construir a ideia de um espaço do mal e um espaço do bem?** Para nós o espaço do mal seria um lugar de barbárie que necessita ser “civilizado” o quanto antes – logicamente – pelos americanos, o que nos leva a segunda questão; b) **como se deu a formação da ideologia do árabe terrorista e da ameaça muçulmana?** Consideramos que, apesar de afirmar o contrário, as políticas do governo americano acabam por formar a ideia de que os árabes são pessoas “perigosas”.

\*\*\*

Atualmente os EUA estão perdendo, gradativamente, a sua posição de líder econômico mundial. O cenário político-econômico mundial vem se alterando, deslocando seu eixo do Ocidente (Estados Unidos) para o Oriente (China). Após enfrentar uma das maiores crises do capitalismo – desde 1929 – o governo americano tenta manter sua posição como líder global, contudo, a cada dia que passa, a China cresce mais e mais economicamente e vai solapando a posição de potência chefe dos EUA.

Esse novo cenário gera debates sobre as atitudes do governo americano e sua política externa. A Guerra no Iraque é um ponto constante nesses debates, o fato do

presidente Barack Obama, não ter retirado completamente as tropas do Iraque mostrou a força das ações do antigo governo e sua política externa. No governo de George W. Bush vai ser inaugurada a “Doutrina Bush” que daria origem a Segunda Guerra Contra o Terror (Chomsky, 2007) e impediria o próximo presidente de tomar uma decisão imediata contra ela, mesmo sendo contra a guerra. Devido a isso concluímos que é de vital importância para a sociedade compreender como essa guerra foi engendrada e construída, com o apoio de toda uma rede de propagandas encabeçada pelo governo americano utilizado de poderosos recursos imagéticos discursivos.

Ao entramos em contato com leituras que contestam a idéia de uma verdade fixa, passamos a mudar nossa forma de pensar construindo, desta forma, um pensamento crítico sobre as ações de nossa sociedade. Devido a isso concluímos que seria bastante interessante estudar esta questão da “demonização do árabe” e perceber como a alteridade é um conceito importante que devia ser aplicado em nosso meio, pois para nós as guerras contra o terror foram guerras criadas a partir de preconceitos que foram construídos ao longo de um tempo, gerando um clima de medo e ameaça, vindo de um povo que, por muito tempo, só deseja ser deixado em paz.

Mas o principal motivo para iniciar esta pesquisa é que as guerras foram vistas pelo mundo todo (ou pelo menos por maior parte); várias obras foram escritas sobre o tema por jornalistas, sociólogos, antropólogos, filósofos, psicanalistas, literatos e até alguns leigos; contudo existem pouquíssimas obras de historiadores que abordem não só a guerra, mas também, o processo histórico que levaram até ela e – principalmente – analise a situação a partir de um ponto de vista espacial (a criação de novas fronteiras de conquistas, etc.) ficando clara a deficiência de trabalhos acadêmicos nessa área. Portanto encaro como de imprescindível importância que a história analise este ocorrido e desenvolva sua participação nos debates geopolíticos sobre o tema.

\*\*\*

Os objetivos deste trabalho serão os seguintes. Pretendo agora apresentar cada um deles.

Pretendemos, principalmente, a) *compreender de que forma o discurso engendrado pelo governo norte americano formou a caracterização de “árabe*



*terrorista” e “ameaça a segurança mundial” no imaginário da população americana de forma a viabilizar a guerra no Iraque; pois consideramos que o governo americano teve que conquistar o apoio de sua população para levar a guerra em frente; b) perceber de que forma os “espaços do mal” aparecem no discurso americano pro guerra; já que é essa ideologia que irá manter o esforço de guerra; c) como o governo desenvolveu a idéia de uma “nova fronteira” a ser pacificada e salva pelos EUA.*

\*\*\*

A história cultural trouxe, para o estudo da história, uma miríade de novas possibilidades de pesquisas. Novos rumos foram abertos para que os pesquisadores pudessem procurar e seguir. A visão cultural da história apresentou uma série de novas perspectivas, houve um aumento – bastante considerável – das fontes historiográficas o que nos permitiu ampliar os documentos utilizados e, de certa forma, as visões sobre os fatos nos remetendo a relativização dos mesmos; as “verdades” históricas deixaram de existir e se transformaram em “possibilidades” e (para completar, as mudanças ocasionadas pela história cultural) a questão da alteridade, a história cultural nos apresentou a possibilidade de observar a história pelos olhos das populações que a viveram.

Tendo tudo isso em vista, pretendemos utilizar nesta pesquisa de vários autores que nos auxiliarão na tentativa de observar o “outro lado da moeda”. Portanto pretendemos trabalhar com o antropólogo (ou como ele mesmo dizia o “humanista”) Edward Said e seu conceito do *orientalismo*. Concluímos que Said seria de grande importância devido o seu trabalho – não somente no *Orientalismo*, mas nos seus livros *Reflexões Sobre o Exílio e Fora do Lugar* – em que ele fala sobre, como o “Ocidente cria uma imagem do Oriente” a partir de um conjunto de *discursos* elaborado na Europa e largamente utilizado, na atualidade, pela *civilização ocidental*.

A definição do *orientalismo* nos remeteu a mais um conceito que se mostrou vital para o andamento de nossa pesquisa, o *discurso*, conceito este que foi tão ricamente trabalhado pelo filósofo/historiador Michel Foucault. Reconhecemos o *discurso* como o conceito primordial da presente pesquisa (afinal, é ele que norteia os nossos objetivos), pois assumimos que o *discurso* seria um conjunto de idéias formadas por um ou vários indivíduos utilizando da racionalidade em detrimento do instinto

(Dicionário de Análise do Discurso) é que todo *discurso* é feito visando legitimar algo (Foucault), ou seja, o *discurso* move a história. Portanto assumimos a ideia de que o *discurso* é carregado de poder que irá construir a história e suas “verdades”. Levando tudo isso em consideração, podemos perceber que a situação problema deste artigo foi formada por um *discurso* – como já foi dito acima – muito bem engendrado o qual legitimou as ações do governo americano. Outro conceito importante, trabalhado nesta pesquisa, é a ideia da *civilização*. Para trabalhar este conceito usaremos o livro de Samuel P. Huntington, *O Choque de Civilizações*; compreendemos a importância deste livro por ele tratar do “embate de civilizações”. Com a ideia de *civilização* trazemos à tona as questões da *fronteira* que deve ser pacificada e dominada. Para estudar este conceito iremos utilizar o livro de Fredrick Jackson Turner denominado “*The Frontier in American History*”, “O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra” de Antônio Pedro Tota entre outros que tratam da questão da fronteira e americanização.

Nossas leituras já englobam *O Orientalismo* de Edward Said; os livros de Michel Foucault, *A ordem do discurso*, *Vigiar e punir*; entrei em contato com o livro *Poder e Terrorismo* de Noam Chomsky, um dos maiores críticos da política externa americana; lemos, também, o livro *Power Inferno* de Jean Braudellard que nós apresenta uma visão mais filosófica, para os ataques; neste momento o livro *Fahrenheit 11/09* do cineasta Michael Moore nós apresentou outra visão – bastante crítica e, até, irônica – dos ataques e, para concluir, utilizamos do livro *O choque de civilizações* de Samuel P. Huntignton.

Contudo, percebemos que apenas estas fontes não iram proporcionar uma boa avaliação das fontes já escritas, portanto pretendemos utilizar de alguns outros livros para aprimorar e embasar, ainda mais o trabalho. Para tanto iremos utilizar de Edward Said os livros *Fora do lugar* e *Reflexões do exílio*; o livro *O vulto das torres* de Lawrence Wright, já que, este livro nos apresenta uma história da Al-Qaeda; pretendemos utilizar o livro de nome, *Manhã de setembro*, organizado por Luigi Zoja, pois este livro nos apresenta uma visão de sociólogos dos eventos de 11 de setembro; utilizaremos o livro *Bem vindo ao deserto do real* de Slavoj Zizek, que irá nós apresentar outro viés da filosofia sobre as relações que levaram ao ataque e, por fim, pretendemos trabalhar com o livro de Durval Muniz, *Preconceito quanto a origem*

*geográfica e de lugar*, já que ele trata do preconceito sofrido por pessoas de outras regiões, citando o caso dos povos árabes. Então evidenciamos, aqui, os principais livros que irão compor a bibliografia deste trabalho e nos auxiliaram na busca pela conclusão de seus objetivos.

\*\*\*

Utilizaremos de documentos oficiais, do governo americano e os pronunciamentos oficiais do governo no período de um ano após os ataques do 11 de setembro; sendo, a maior parte, destes documentos retirados do Departamento de Estado Americano. O Departamento de Estado seria o equivalente aos ministérios da fazenda e das relações exteriores brasileiros, ou seja, uma valiosa fonte documental para o trabalho, pois concluímos que são os documentos oficiais do governo que nortearam a construção da opinião do povo americano e direcionará a cobertura da imprensa estadunidense.

Temos em vista de que o governo americano disponibiliza a maior parte dos documentos governamentais na internet no site do próprio Departamento de Estado com poucas restrições. Restrições essas que foram quebradas a alguns meses com a divulgação de mais de 500 mil documentos secretos pelo site wikileaks. Portanto a presente pesquisa esta com um imenso número de documentos para serem selecionados e analisados de forma cumprir os objetivos do trabalho.

Com a disposição destas fontes pretendemos analisar os documentos produzidos pelo governo Bush, de forma a compreender como a máquina governamental vai criando as imagens e os seus discursos que irão dar o aval necessário para que suas vontades sejam cumpridas.

\*\*\*

Este texto se refere a uma pesquisa ainda em andamento, sendo este trabalho, em parte, o projeto inicial de pesquisa apresentado na seleção de mestrado do ppgh – UFRN 2011.1 (programa de pós-graduação em história da UFRN), caracterizando-se como uma continuação da monografia apresentada na graduação orientada pelo professor Durval Muniz. Espero poder concluir este projeto de pesquisa e apresentar seus

resultados a academia em, aproximadamente, dois anos. Contudo, alguns resultados – infelizmente incipientes – já estão sendo apurados.

### Bibliografia

ALBURQUERQUE JR., Durval Muniz. *Preconceitos contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia / Durval Muniz de Albuquerque Jr.-* São Paulo: Cortez, 2007. – (preconceitos; v. 3)

AZEVEDO, C. O sentido da Missão no imaginário político norte-americano.

Revista de História Regional – UEPG, Brasil, v. 3, n. 2, 1998.

BAUDRILLARD, J. *Power inferno. Porto Alegre: Sulina, 2003.*

CHARAUDEAU, Pratick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso.* São Paulo: Contexto, 2004.

CHOMSKY, N. 2005. *Poder e terrorismo.* Rio de Janeiro: Record.

Francis, 2004.

FOUCAULT, M., 1987. *Vigiar e Punir. História da Violência nas Prisões.* Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. *A Ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.* Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

FRIEDMAN, Thomas L. *O mundo é plano.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial.* Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LUKACS, John. *Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MOORE, Michael. *Cartas da zona de guerra: algum dia voltarão a confiar na América?,* - São Paulo: Francis, 2004.

\_\_\_\_\_. *Fahrenheit: 11 de setembro.* Traduções Aurea Akemi. et al. São Paulo: Francis, 2004.

SAID, E. W. 2007. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.* São Paulo : Cia. das Letras.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Fora do lugar: memórias.** São Paulo: Companhia das Letras. 2004.

\_\_\_\_\_. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra* – São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZIZEK, Slavoj. *Bem-vindo ao deserto do real.* Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

ZOJA, Luigi. *Manhã de setembro: o pesadelo global do terrorismo.* São Paulo: Axis Mundi, 2003.